



1290001157



FE

Rosângela dos Santos Moreira Barbosa

TCC/UNICAMP B234n

Negro?...Eu?

A questão do autoconceito em adolescentes negros.

Campinas/2003.

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

© by Rosângela dos Santos Moreira Barbosa, 2003.

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	
TCC / unicamp	
B234n	
Vi.....EX:	
TOMBO: 1157	
PROC: 117104	
C:.....D: X	
PREÇO: 11,00	
DATA: 17/02/04	
Nº CPD: 310277	

**Catlogação na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Rosemary Passos - CRB-8ª/5751

B234n Barbosa, Rosângela dos Santos Moreira.
Negro? ...Eu? : a questão do autoconceito em adolescentes negros /
Rosângela dos Santos Moreira. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientador : Angela de Fátima Soligo.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Autoconceito. 2. Racismo. 3. Adolescentes. 4. Negros. 5. Interação
social na adolescência I. Soligo, Angela de Fátima. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

03-0187-BFE

*Ao Sr. Antônio que, mesmo sendo semi-analfabeto,
ensinou-me a amar os caminhos e
descaminhos da Educação.*

*“Primeiro o ferro marca
a violência nas costas.
Depois o ferro alisa
a vergonha nos cabelos.
Na verdade o que precisa
é jogar o ferro fora
é quebrar todos os elos
dessa corrente de desespero.”*

(Cuti)

Agradecimentos

Gostaria de iniciar, agradecendo Àquele que me concedeu mais uma chance para que meu espírito seja aprimorado e que me concede diariamente bênçãos, tão boas quanto esta.

De maneira especial, quero agradecer à minha mãe, que por muitas vezes foi mãe das minhas filhas, para que eu pudesse me dedicar à vida acadêmica, e ao meu pai que era um professor nato, que foi meu espelho, que foi meu abrigo e que me ensinou a sonhar, mais que isso: me ensinou a realizar meus (nossos) sonhos.

Da mesma forma, quero agradecer à minhas filhas Stela e Caroline, que a cada dia me ensinam a beleza da vida, o dom do amor, que mesmo sentindo falta do meu colo, me compreenderam e me apoiaram nesta trajetória.

Agradeço também às amigas Ana Cláudia, Josiane e Juliana, pelo apoio e orientações durante o curso.

Minha sincera gratidão à Profª. Dra. Ângela Fátima Soligo pelas orientações, pelo respeito e pela competência com que orientou esse trabalho, bem como ao Prof. Dr. Ulisses Ferreira Araújo, que como segundo leitor, também orientou este trabalho, com muita propriedade.

Por fim, ao corpo docente da Faculdade de Educação, por contribuir na minha formação acadêmica e de vida.

Índice

Apresentação	01
A marca	05
Preconceito, autoconceito e autopreconceito.....	08
Racismo.....	15
Ser negro no Brasil	
A história.....	21
O presente.....	23
Embranquecer-se.....	25
Sobre a pesquisa	
Objetivos.....	28
Método.....	28
Resultados e discussões	
Questionário.....	30
Desenhos.....	36
Texto de apresentação.....	38
Considerações finais.....	44
Bibliografia.....	45
Anexos.....	48

Apresentação

Esse texto tem como objetivo ampliar e aprofundar as reflexões sobre a questão racial, em especial, ao que diz respeito ao autoconceito do adolescente negro, na sociedade atual.

Partindo do princípio que práticas discriminatórias são determinantes na formação da identidade dos indivíduos, uma vez que, de acordo com Silva (1993) o autoconceito de cada um depende das avaliações às quais é submetido, quando torna-se sensível ao tratamento dos outros sujeitos sociais, ou seja, a formação do autoconceito depende da identificação do sujeito com pessoas socialmente importantes para ele, ou para o conjunto social, o objetivo desse trabalho é levantar os aspectos históricos e psicossociais que foram e ainda são fundamentais na construção do autoconceito dos adolescentes negros e que os leva a negar ou a aceitar sua condição de negro.

O interesse sobre o autoconceito em adolescentes negros, nasceu quase que por acaso, ao ouvir uma jovem negra relatar uma história à outra e no meio da conversa ela disse: *"...ele disse que eu era negra! Imagine! Posso ser morena, mas não chego a ser negra!"*. Por que essa jovem negava sua condição de negra?

À partir desse questionamento inicial, e partindo dos pressupostos de que essa jovem não é a única pessoa negra a se negar como tal e de que essas pessoas não se negam por um motivo banal, fez-se necessário buscar fundamentos psicológicos e sociais que trouxessem sentido a tal violência. A violência de negar sua cor, sua origem, sua identidade, negar-se enquanto indivíduo.

Esse trabalho objetiva também, levantar alguns fundamentos teóricos, que esclareçam os motivos pelos quais alguns negros se negam como tal, bem como apresentar

através de pesquisa realizada, que os sujeitos negros continuam buscando maneiras de negar sua cor.

Notoriamente, não é um tema fácil de ser tratado, uma vez que existem vários pontos a ser considerados e que para muitos estudiosos, não necessariamente objetivam que determinado aspecto histórico ou social levou uma pessoa a optar em classificar-se como “morena clara”, ao invés de classificar-se como negra.

Todavia, levando-se em consideração os modelos sociais e de beleza predominantes no Brasil, que em sua quase unanimidade, são brancos, fica difícil negar o anseio de se enquadrar nesses padrões. Como não associar a obstinação de uma jovem negra por deixar seus cabelos lisos ou “relaxados”, com as diversas campanhas publicitárias onde não se vê uma só modelo negra com cabelos crespos. O próprio termo “relaxado”, já traz consigo uma carga pejorativa, uma vez que remete ao pensamento que cabelo crespo, ou duro é ruim, tenso, como nossos músculos, que quando relaxados nos dão uma sensação de bem-estar. Quanto a isso, Azevedo (1987) afirma que nossa cultura divulga a todo momento mensagens racistas tão perfeitamente disfarçadas, que passam despercebidas como tais.

Observando a sociedade brasileira é possível notar que nossa forma de preconceito e discriminação é muito cruel, uma vez que ao mesmo tempo que se nega, se faz notória nas conversas informais, nas teledramaturgias, nas condições de vida e de trabalho de pessoas negras. É muito freqüente presenciar pessoas fazendo piadas ou dando apelidos, que menosprezam os negros. Na televisão, os negros são quase sempre representantes de profissionais pouco valorizados socialmente, são indivíduos de moral e conduta social duvidosas, ou ainda, são símbolos sexuais, associando o negro à promiscuidade. Na “vida real”, o negro brasileiro vive mal, exerce funções insalubres, estuda pouco.

Apesar de tudo isso, as pessoas, de um maneira geral, não se vêem discriminando, nem sendo discriminadas. Com o passar do tempo foi se instaurando pelo país uma espécie de naturalização da desigualdade racial, que em verdade, foi mascarada pela desigualdade social. Nos dias atuais, a maioria da população não associa as condições de vida da maior parte dos indivíduos que estão na linha da miséria, ou abaixo dela, com sua origem étnica. Isso se deve ao mito da democracia racial, fortalecida a partir de uma pesquisa financiada pela UNESCO, na qual Donald Pierson (na região nordeste do país) e Florestan Fernandes (na região sul) deveriam analisar a situação racial no Brasil. Florestan Fernandes observou profundas diferenças nas condições de vida entre negros e brancos e Pierson, inspirado na obra de Gilberto Freire, apenas enfatizou a harmoniosa relação entre brancos e negros, sugerindo que no Brasil não há preconceito de raça, mas problemas de classes sociais. A UNESCO divulgou apenas a pesquisa realizada por Donald Pierson (Soligo, 2001).

De acordo com Soligo (2001) os dados da PNAD (1999), mostram que 45,3% da população brasileira é composta por negros. Porém, como muitos ao responderem ao questionário do censo negam sua condição negro, este dado pode não refletir de fato a realidade. Mas o que leva uma pessoa a não assumir sua cor? Independente de dados estatísticos, à olhos vistos, o Brasil é um país formado por uma maioria de descendente de negros e negros, porém essa maioria é reduzida à condição de minoria pelas práticas discriminatórias exercidas pela nossa sociedade que, desde o colonialismo português, estigmatizou o negro como mercadoria, um ser promíscuo, marginal, adepto de religiões não-cristãs, todos esses atributos classificam o negro como ruim.

Não são apenas as práticas discriminatórias exercidas por brancos, que colocam a maioria negra em posição de minoria. Em alguns casos os indivíduos negros vêem-se como minoria, porque não são realmente contemplados com os mesmos direitos de acesso a todos

os âmbitos sociais que os indivíduos brancos, e também porque não se consideram negros, são, quando muito, “morenos”.

É sobre isso que esse trabalho pretende levantar reflexões.

A marca

Ao negar-se como negro, o indivíduo negro nega não apenas a cor de sua pele, mas sua própria identidade, não com o intuito de negá-la de fato, mas na tentativa de livrar-se do estigma que a acompanha.

De acordo com Goffman (1975), estigma é um termo grego que se refere a sinais corporais que evidenciavam o “status moral” de um indivíduo. Na antigüidade marcava-se com cortes ou queimaduras o corpo de criminosos, traidores e escravos, para que fossem facilmente reconhecidos. Segundo o autor, ao conhecermos um indivíduo, fazemos a seu respeito algumas afirmativas desejáveis à sua conduta, à essa expectativa Goffman dá o nome de *identidade social virtual*. Porém o indivíduo possui características e atributos que lhe são próprios, a isto, o autor dá o nome de *identidade social real*. Quando os atributos que o indivíduo realmente possui são discrepantes daqueles desejáveis (socialmente positivos), este indivíduo torna-se estigmatizado, uma vez que possui características morais negativas. Estigma seria então, “*um tipo especial de relação entre um atributo e estereótipo (...) uma característica diferente da que havíamos previsto*” (p.13 e 14).

Ao ser estigmatizado o indivíduo passa a ser discriminado socialmente porque possui características que causam estranheza e incômodo à sociedade.

De uma maneira geral a formação da identidade social de uma pessoa está alicerçada em normas, condutas, regras e valores transmitidos socialmente. Porém no caso dos negros essa identidade está acompanhada de uma marca: a cor da pele, que foi estigmatizada pela sociedade.

Os negros foram tirados da África, forçados a vir para o Brasil, onde tornaram-se escravos e tudo isso era visto como normal. A explicação possível, baseada nos estudos de Goffman sobre estigma, é que os africanos que viviam livres em sua terra, possuíam uma característica muito discrepante daquelas que os europeus costumavam atribuir aos Homens: a cor da pele. Por isso, foram caçados, capturados e escravizados tendo seus costumes, suas crenças, suas origens desconsiderados. Aos europeus interessava apenas a força de trabalho que eles despendiam, como animais domésticos, sendo inclusive tratados como tal (Moura, 1988).

Desde a chegada dos primeiros negros no Brasil, foi-se construindo uma imagem negativa do indivíduo de cor negra. A imagem do negro foi relacionada à antropofagia, barbárie, promiscuidade, incivilidade, preguiça, subserviência e escravidão. Tudo reforçava a aceitação da crueldade escravocrata. O problema está na questão de que essa imagem negativa sobre os negros não se desfez com o tempo, mesmo depois da abolição da escravatura. Ainda hoje os negros são tratados como seres bárbaros, que roubam, matam, enganam, são promíscuos e que por isso, não ascendem socialmente e devem continuar usando os elevadores de serviço. De acordo com Souza (1983)

“A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o banco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior.” (p.19)

Diante de tão dura constatação, é compreensível a negação da cor, como uma marca que fecha portas, que exclui, que limita e impõe ao negro um lugar apenas na margem da sociedade. Mas o problema não está na cor da pele, na etnia desses sujeitos, o problema está na representação social que se tem desta característica, como a sociedade representa e

avalia um sujeito de pele negra, porque é nesse ponto que se forma a identidade desse sujeito.

Sobre isso, Souza (1991) diz que,

“O negro carrega consigo a sua cor e tudo o que socialmente ela pode significar e esta fixa-se como parte de sua identidade pessoal, mas o que este estigma pode significar-lhe pessoalmente depende de como ele elabora sua situação” (p.76).

É importante observar que o estigma da cor para o negro depende de como ele é visto e de como ele vê sua situação social e sua identidade. Por isso, ele ainda tem visto sua identidade, sua imagem, sob a luz do embranquecimento, porque acredita ser através do embranquecimento que ele saia da margem da sociedade, como assinala Bernd (1984)

“Os negros ainda não criaram uma imagem própria, acreditando – em sua maioria– que sua ascensão social se dará na razão direta da assimilação dos padrões brancos” (p.52)

Dessa forma, pode-se afirmar que o negro, no Brasil sofre duplo preconceito, um por parte da sociedade que estigmatizou a cor da sua pele e, por conta disso, atribuiu a ele, injustamente, várias características negativas. O outro seria um auto-preconceito, onde o indivíduo negro tenta negar sua condição étnica, para negar sua condição social.

Esse “auto-preconceito” se deve ao fato de ecoar por todos os lados em nossa sociedade a apologia ao embranquecimento, como forma de ascensão econômica e social. De acordo com Soligo (2001), o embranquecimento faz com que os negros adotem padrões de conduta socialmente valorizados, para ascender, ser aceito, estar perto do modelo – branco (Silva apud Soligo, 1996).

Preconceito, autoconceito e auto-preconceito

Para entendermos melhor esse dito “auto-preconceito” é necessário entendermos que preconceito é, segundo Crochik (1995), um fenômeno psicológico, de manifestação individual, mas que se forma no processo de socialização do indivíduo. Dessa maneira, só é possível pensar o preconceito, utilizando conceitos psicológicos e sociais, dentro de uma perspectiva histórica.

Ainda segundo Crochik, a experiência e a reflexão são bases para a constituição do indivíduo na relação com sua cultura, ou seja, o indivíduo se forma a partir do que vivencia e das reflexões que faz a cerca do que viveu. A ausência dessa base caracteriza o preconceito. Em outras palavras, se o indivíduo não vivencia, ou não reflete sobre determinado aspecto de um outro indivíduo, o qual julga diferente e portanto ameaçador, ele prefere afastar-se dele ou simplesmente rechaçá-lo, como se tentasse impedir sua existência.

“Assim, a onipotência manifesta ou velada pela qual o preconceituoso julga-se superior ao seu objeto, corresponde à impotência que sente para lidar com os sofrimentos provenientes da realidade”. (1995,p18)

Portanto, *“o preconceito é um mecanismo desenvolvido pelo indivíduo para poder se defender de ameaças imaginárias, e assim é um falseamento da realidade” (1995p.25).*

Se o preconceito é um falseamento da realidade, como uma maneira de impedir sofrimentos, é possível compreender a atitude de muitos indivíduos negros que, tentando embranquecer-se de alguma maneira, buscam a anulação do sofrimento de pertencer a um

grupo que é alvo de discriminações e limitações impostas por indivíduos de outros grupos que compõem a mesma sociedade em que vivem.

Todavia só é possível supor que uma pessoa é auto-preconceituosa, se for analisada sua identidade, seu autoconceito. De uma maneira geral, os poucos pesquisadores interessados nesta questão, costumam mensurar o autoconceito e a auto-estima dos indivíduos, atribuindo uma “percepção adequada do eu” àqueles que demonstram um nível alto de autoconceito, ou uma “disfunção psicológica” àqueles que demonstram um baixo nível de auto-estima/ autoconceito (Oliveira, 1994).

Mas a negação da cor, ou o auto-preconceito não pode ser compreendido apenas como uma disfunção psicológica. Existem fatores psicossociais, indissociáveis e extremamente relevantes que determinam um baixo nível de auto-estima ou um autoconceito distorcido. Por isso, não basta mensurar ou denominar como “normal” ou “anormal”, a representação que o negro tem de si, é preciso entender quais fatores determinam tais representações, e que o levam a manter isso, que Souza (1983) chama de defesa fóbica.

De acordo com Oliveira, há diferenças sutis, mas determinantes na conceituação da auto-estima, da auto-imagem e do autoconceito. O autoconceito seria *“a atitude que o indivíduo tem de si mesmo, decorrente da maneira como ele se percebe”*(Oliveira apud Oliveira, 1984, p.31); *“a auto-imagem constitui-se como sinônimo de autoconceito, mas com ênfase no aspecto social de sua formação; a auto-estima, por outro lado, é abordada em termos de uma atitude valorativa do indivíduo com relação a si mesmo”* (1994, p16).

Notoriamente, há influências sociais, tais como a organização do grupo social, as relações sociais, as pressões exercidas/sofridas e os valores que perpassam todas essas

relações, que são determinantes na formação da auto-imagem e do autoconceito do indivíduo.

Alguns autores investigaram a auto-imagem, o autoconceito, enfim o “eu”. Dentre eles, merecem especial atenção Wallon e Vygotsky. Para Wallon, a construção do autoconceito do “eu” está intimamente ligada à consciência do “outro”, portanto o autor trata o assunto numa perspectiva fundamentalmente social. Vygotsky concebe o Homem como um ser social e considera que o Homem se apropria de modos e ações culturalmente elaborados, a partir do contato social, sendo um sujeito que se constrói em uma interação constante com o contexto sócio-histórico do qual faz parte.

Dessa forma, é possível afirmar que condutas, idéias e falas alheias, são aprendidas pelos sujeitos e incorporadas como sendo próprias deles. Isso reforça a idéia de que o sujeito só nega sua condição étnica, porque sofre influências psicossociais que o obrigam a tomar tal atitude.

Não é raro ouvir negros falando que não têm direitos, que isso ou aquilo é “coisa de preto”, que “quando o preto não erra no começo, no fim certamente errará”, fazendo piadas que menosprezam sua condição de negro. Atitudes como estas deixam claro que estes sujeitos se apropriaram da fala da sociedade em que estão inseridos e que transformaram essas falas e atitudes em algo próprio, conformando-se, muitas vezes com a falta de oportunidades, ou ainda não sentindo-se encorajados a lutar pelos direitos inerentes a pessoa humana.

O auto-preconceito, ou defesa fóbica, ou seja, a aceitação e a compactuação de atitudes preconceituosas, seja por causa da cor da pele, seja pela origem étnica ou social, em relação a si mesmo, certamente é uma distorção da auto-imagem, que pode resultar em uma disfunção psicológica, que teve sua origem no meio social. Quanto a isso, Silva

(1993), afirma que para a psicologia, os padrões de aprovação se encontram convencionados socialmente, influenciando na formação da personalidade e que, quando pressionado, o indivíduo pode reagir patologicamente, tornando-se *“um tipo de pessoa que valoriza a aceitação dos outros tão fortemente, que parece não ter padrões pessoais para sua aceitação”* (McDavid, Harari apud Silva, 1993, p.144).

Negar a cor da pele também é uma forma de auto-preconceito, uma vez que o sujeito que não se assume como negro, compactua com a fala preconceituosa da sociedade e demonstra temer todos os sofrimentos impostos aos negros. Essa convivência com as atitudes preconceituosas da sociedade é a forma encontrada por muitos, para fugir da marca, da representação social da cor de sua pele. Essa atitude demonstra que pessoalmente a auto-imagem desse sujeito também está distorcida, em função da sociedade.

É importante salientar que essa negação, consiste em uma enorme violência sofrida pelo sujeito negro. De acordo com a psicanálise, o perfil da identidade é desenhado a partir de uma dupla perspectiva: a perspectiva do olhar e do desejo do agente que ocupa a função materna; e a perspectiva da imagem corporal, produzida pelo aparelho perceptivo da criança. A exclusiva relação mãe-criança, é interrompida por pessoas da instância social que vão mostrar, também, o que é permitido ou proibido, bom ou mau, fazendo com que o sujeito identifique-se com essas regras. Essas identificações são a mediação necessária entre o sujeito e sua cultura. O sujeito passa então a vivenciar experiências que atribuem significados às relações físico-emocionais criadas dentro da família e aos símbolos lingüísticos que a cultura põe a disposição do sujeito. É a partir dessas experiências que se produz o Ideal do Ego, através das imagens, das palavras, das representações e dos sentimentos que circulam entre a criança e o adulto, entre o sujeito e a cultura. Sua função é favorecer o surgimento de uma identidade no sujeito (Costa, 1983).

No entanto, ao sujeito negro é oferecido o modelo Ideal de Ego branco e esse modelo torna-se algo tão intenso para o negro que transcende o real sujeito branco. Brancura torna-se um fetiche, sinônimo da beleza, da bondade, da perfeição, da justiça, do divino, da civilização e até da própria humanidade, porque a sociedade refere-se ao negro como feio, mau, incapaz, ignorante, desonesto, preguiçoso. Tudo isso leva o sujeito negro a desejar e projetar uma identificação antagônica em relação a sua realidade histórica, étnica e social.

De acordo com Costa (1983),

“o corpo ou a imagem corporal (...) é um dos componentes fundamentais na construção da identidade do indivíduo. A identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com o corpo. A imagem ou enunciado identificatório que o sujeito tem de si estão baseados na experiência de dor, prazer ou desprazer que o corpo obriga-lhe a sentir e a pensar” (p.6)

Portanto o corpo deve ser intensamente vivido, como fonte de prazer e de vida, para que o sujeito construa sua identidade e uma estrutura psíquica harmoniosa.

Como garantir uma estrutura psíquica harmoniosa e a construção de uma sólida identidade, em sujeitos que negam sua condição de negro, que tentam adaptar seu corpo aos padrões brancos? Para o negro que se nega como tal, o importante no corpo e na vida não é o que pode lhe trazer prazer, mas o que a sociedade branca deseja e aceita. E, como a sociedade branca não deseja o corpo negro, o pensamento do sujeito negro vai fazendo com que ele deixe de existir, pelo menos em sua representação mental.

De acordo com Silva (1993), a construção do “eu” (identidade) está alicerçada em três aspectos fundamentais: o eu físico, o eu social e o conceito de eu mesmo (p.170). A autora esclarece que,

“Segundo a Psicologia, o eu físico funciona como um pré-dado, pois já nascemos com ele. A criança, quando tateia o seu próprio corpo e explora o ambiente, experimenta vários estímulos sensoriais, que a leva a diferenciar-se do resto do mundo. Assim ela aprende os limites do seu eu físico. A seguir, constatando não ser somente um corpo, mas um outro ser com comportamento próprio, a criança adquire um eu social, que constitui o estágio mais alto da personalidade. Logo, o eu físico se desenvolve lado-a-lado do eu social e as tentativas, que as pessoas realizam para serem atraentes para outros indivíduos, têm como resultado o desenvolvimento deste eu social” (p.170).

É a partir da construção desses dois “eus” que o sujeito elabora seu autoconceito, partindo das avaliações e dos tratamentos, nas relações sociais aos quais é submetido. Nesta elaboração a percepção da auto-imagem, ou da imagem corporal é de fundamental importância para a identificação com os modelos socialmente aceitos, uma vez que, baseando-se em Goffman, Silva (1993), afirma que a aparência é a fornecedora de dados que permite saber qual é a origem, a classe e o status social do indivíduo (p.171, 173)

No Censo de 2000, apenas 10,5 milhões, ou seja, 6,2% da população brasileira, declarou-se como negro. O Censo de 1990, mostrava que o número de pessoas que classificaram-se como negras era de 7,5 milhões, ou 5% da população. De acordo com esse estudo, 37% dos brasileiros não-brancos ou mestiços, quando perguntados sobre sua cor, responderam que ela era: acastanhada, azul, azul-marinho, bronzeada, escura, burro-quando-foge, cor de canela, crioula, escurinha, moreno-jambo, enfim, foram citadas 136 cores diferentes.

É possível afirmar que uma gama tão grande de denominações, demonstra uma fuga da realidade étnica e ilustra a perda ou a deformação da identidade da população

negra, que procura refugiar-se em uma realidade simbólica, tentando escapar da inferiorização que sua cor expressa na sociedade. Nessa fuga, qualquer denominação ou identificação que não receba o nome ou o simbolismo “negro”, é válido, porque dessa forma o indivíduo se exime do estigma que a cor negra carrega.

Portanto, negar a cor é uma tentativa de fugir da marginalidade. Essa é uma tentativa de se aproximar do padrão cromático e dos valores do branco, a fim de fugir da discriminação e da condição de cidadão inferiorizado. Existem várias razões para que os sujeitos negros neguem sua cor. Alguns fazem isso, porque introjetaram, assumiram os valores culturais da civilização branca ocidental. Outros, porque enxergam na negação a única maneira de serem aceitos pelo conjunto social.

Racismo

Para entender o racismo é preciso antes entender o que é raça.

Antes de adquirir uma conotação biológica, raça significou por muito tempo *“um grupo ou categoria de pessoas conectadas por uma origem comum”* (Banton apud Guimarães, 1999). Datam do século XIX, as teorias nas quais a palavra raça passou a ser usada para designar seres humanos distintos fisicamente e até de acordo com sua capacidade mental.

Depois da Segunda Guerra Mundial, devido a todas as atrocidades cometidas, a UNESCO reuniu em três oportunidades, geneticistas, biólogos e cientistas sociais para avaliar os estudos sobre raças e relações raciais. O resultado destes encontros, afirma que *“as diferenças fenotípicas entre indivíduos e grupos humanos, assim como diferenças intelectuais, morais e culturais, não podem ser atribuídas, diretamente, à diferenças biológicas, mas devem ser creditadas à construções socioculturais e a condicionantes ambientais”* (Guimarães, 1999, p.22)

Em outras palavras, durante algum tempo acreditava-se que a raça humana dividia-se em outras raças: a raça branca, a raça negra, a raça amarela. Todas essas afirmações baseavam-se em informações científicas, teológicas e porque não dizer, ideológicas de uma determinada época. Passaram-se séculos, o conceito de raça passou por mudanças, mas sua conotação biológica, ainda existe na sociedade atual. Ainda existem pessoas que, se baseando em questões biológicas afirmam ser diferentes, não só fisicamente, mas também intelectualmente, de outras.

De acordo com Jones (1973), segundo Van Den Berghe (1967) “raça se refere a um grupo que é socialmente definido a partir de critérios físicos” (p.104)

Para Guimarães,

“ ‘Raça’ é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se ao contrário, de um conceito que denota tão-somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza, como algo endodeterminado” (1999,p.9)

Portanto, o termo “ raça” limita-se ao universo social.

Compartilhando a mesma idéia, Oliveira (1998), afirma que

“Raça não é um conceito naturalizado e determinado biologicamente. Ao contrário é uma categoria histórica, construída socialmente. Isso implica dizer que raça é uma categoria construída relacionalmente no processo que envolve dominação e ideologização”. (p.63)

Portanto, não se nasce branco ou negro; *torna-se* branco ou negro, de acordo com a realidade social em que se vive. Neste aspecto “raça” torna-se uma ilusão que impregna e aprisiona, fazendo-se passar por algo real. Dessa forma, se “raça” limita-se apenas ao universo social, é possível afirmar que o racismo é uma maneira usada para explicar as diferenças culturais e sociais de forma “naturalizada” (Oliveira, 1998; Guimarães, 1999).

A base do racismo é o conceito de raça. O racismo aparece como o caso particular de uma conduta mais geral: a utilização de diferenças biológicas (“naturais”), para justificar a inferiorização de um determinado grupo social, mas essas diferenças poderiam ser psicológicas ou culturais, reais ou imaginárias.

Para Memmi (1993), existe uma ligação orgânica entre o racismo e a dominação. Ou seja, o sujeito que crê na existência de diferentes raças, usa essa crença para legitimar

situações de agressão e medo, injustiça e defesa de privilégios , o mito e a imagem negativa do dominado, a anulação da vítima em proveito do carrasco. Para o autor,

“o racismo é a valorização generalizada e definitiva de diferenças reais ou imaginárias em proveito do acusador e em detrimento da vítima, a fim de justificar uma agressão ou um privilégio” (p. 72).

Esse pensamento também é compartilhado por Jones (1973) que define que

“O racismo resulta da transformação de preconceito racial (...), através do exercício de poder contra um grupo racial definido como inferior, por indivíduos e instituições, com o apoio, intencional, ou não de toda a cultura” (p.105)

Continuando com o pensamento de Memmi, existe o racismo no sentido restrito e o racismo no sentido lato. O racismo no sentido restrito, seria a afirmação vigorosa da existência de diferenças biológicas, como a cor da pele, por exemplo. O racista utiliza a questão biológica para diminuir o outro e tirar vantagens disso , “os traços de outrem tem sempre o coeficiente negativo” (p.69) e significam ao mesmo tempo que os traços do racista são bons. Ainda segundo Memmi, os racistas acreditam que devem se proteger e proteger aos seus, contra a poluição, o mal, a agressão, mesmo que potencial, causados pelos negros e legitimam, se necessário, o ataque preventivo. No que diz respeito ao racismo no sentido lato, o agressor negligencia ou não as diferenças biológicas e se compraz com atitudes de agressão, a fim de se valorizar e desvalorizar o outro. É um mecanismo de exclusão argumentadora e compensadora que faz parte de um círculo que se auto alimenta e que se reforma incessantemente. Esse conjunto de mecanismos desenvolvidos pelo indivíduo para poder se defender de ameaças imaginárias, é dominado pelo medo e pela agressão: o medo leva à agressão, a agressão suscita a agressão, a agressão que provoca o medo.

Soligo (2001), baseando-se em Jones (1973) e em Munanga (1986) conceitua o racismo como:

“a existência de um complexo sistema de crenças e valores que apregoam a inferioridade intrínseca do segmento racial negro, inferioridade esta que legitima a hierarquização dos indivíduos pela cor e etnia, bem como as práticas discriminatórias dela decorrentes” (p.20,21)

Portanto o racismo seria a afirmação da superioridade de uma raça sobre outras, podendo tomar diversas formas, inclusive a segregação que parece ser a mais ostensiva de todas.

Ainda, de acordo com Soligo, Jones (1973) e Pincus (1996) apontam três dimensões muito parecidas do racismo. O primeiro aponta as seguintes dimensões: a individual, a institucional e a cultural. A dimensão individual crê na superioridade branca e em preconceitos, expectativas, atitudes e comportamentos negativos em relação ao negro. A dimensão institucional supõe a interferência do ideário racista nas instituições sociais. Por fim a dimensão cultural, que aponta a cultura branca como referência e inferioriza as outras manifestações culturais. O segundo aponta a dimensão individual, a dimensão institucional e a dimensão estrutural. A dimensão individual refere-se a condutas de indivíduos contra sujeitos de grupos diferentes. A dimensão institucional, refere-se ao racismo como ideologia, uma vez que a discriminação é estendida às políticas e às instituições sociais. A dimensão estrutural, pode também ser definida como a ideologia da meritocracia, uma vez que, refere-se ao fato de que exista a crença em uma neutralidade nas instituições sociais e que, por isso, os indivíduos ascendem por mérito, não por origem étnica.

Pereira (1996), afirma que há uma oposição entre o que ele chama de “racismo verdadeiro” e “racismo falso”. Para o autor, racismo verdadeiro seria aquele que no

imaginário popular está relacionado aos campos de concentração, às ideologias nazistas, ao extermínio de raças e à práticas discriminatórias institucionalizadas, como o apartheid. Por conta dessa visão radical sobre o racismo, o autor afirma que para muitos o racismo presente no Brasil, soa falso. É importante esclarecer que para o autor, o racismo no Brasil é absolutamente verdadeiro, embora não apresente dimensões violentas tão explícitas quanto as de um campo de concentração.

O preconceito racial, no Brasil, está intimamente relacionado com a questão da cor. Muitos autores, como Thales de Azevedo e Florestan Fernandes chegaram a afirmar que aqui não havia preconceito racial, mas apenas de cor. Mas, no entanto, de acordo com Guimarães (1999), a cor no Brasil, funciona como uma imagem figurada de “raça”, uma vez que “alguém só pode ter cor e ser classificado num grupo de cor se existir uma ideologia em que a cor das pessoas tenha algum significado. Isto é, as pessoas têm cor apenas no interior de ideologias raciais”(p.44).

No Brasil, com a substituição da organização social escravocrata, que apresentava as dicotomias branco/negro e senhores/escravos, pela organização hierárquica, que baseia-se nas classes sociais, educação, renda, cor e origem familiar; a cor, passou a ser uma marca de origem, um eufemismo para a “raça”.

De uma maneira geral, os brasileiros, não gostam de tratar do assunto racismo, isto estimula a apologia da (falsa) igualdade racial entre nós. Florestan Fernandes, chegou a afirmar que no Brasil se tem “*preconceito de ter preconceito*” (Fernandes apud Pereira, 1996). Aqui, quando a população é perguntada sobre o preconceito, afirma que este existe, mas é sempre de uma outra pessoa para uma outra pessoa, ou seja, os cidadãos brasileiros não se assumem como preconceituosos ou racistas, mas atribuem a outros condutas dessa natureza.

Este contexto dá ao racismo brasileiro uma peculiaridade. Aqui, não há discriminações institucionalizadas, mas há a contradição entre a cidadania definida e defendida em leis igualitárias e a cidadania que tem seus direitos ignorados, limitados pela pobreza, pelas enormes diferenças de renda e de educação. Há também, as piadas e os apelidos que referem-se ao negro de modo pejorativo e a mídia (televisiva ou impressa), a literatura (didática ou não), que apresentam os negros em profissões socialmente inferiores, em condições moralmente duvidosas, atribuindo a esse grupo adjetivos e significados socialmente indesejáveis. De acordo com Guimarães, o racismo brasileiro é “sem cara”. Realmente, é “sem cara”, mas não deixa de ser tão ou mais cruel e desumano que aquele institucionalizado e ideologicamente exterminador.

Ser negro no Brasil

A História

De acordo com Soligo (2001), a história do negro no Brasil se inicia em 1501, com a chegada dos primeiros negros, já escravizados. No início da colonização o número de negros escravos trazidos para o Brasil era pequeno, devido às intenções extrativistas dos colonizadores. Porém, com a possibilidade de diversas culturas agrícolas, o número de escravos chegou, segundo Beozzo (1984), a 3,5 milhões, durante os 350 anos em que houve tráfico negreiro.

Nem a Igreja, nem a Coroa se opuseram a escravização do negro. Ao contrário, a justificavam, dizendo que se tratava de uma instituição já existente no continente africano e que estavam apenas transportando os negros para o mundo cristão, onde se tornariam também cristãos e seriam salvos. Além disso, teorias científicas, no decorrer do século XIX, reforçavam que o negro era um ser racialmente inferior, argumentando que pelo tamanho do crânio e pelo peso do cérebro tratava-se de uma raça de baixa inteligência e emocionalmente instável, portanto, destinada biologicamente à sujeição (Fausto, 2000).

Ao contrário de outros emigrantes, os negros não saíram da África por vontade própria, em busca de esperança no Brasil. Os negros foram caçados, vendidos, desenraizados de seu meio, separados arbitrariamente e lançados em território estranho. Chegando no Brasil foram forçados ao trabalho escravo, sem nenhum direito, uma vez que, juridicamente era considerado como uma coisa, não como uma pessoa.

Com a necessidade econômica de se abolir a escravidão, esta aconteceu, mas ao contrário do que se imagina, na vida dos negros não houve melhorias.

Baseando-se em Ianni (1988) e em Moura (1977), é possível afirmar que a abolição, considerando o tempo de escravidão no Brasil, é relativamente recente e o processo de passagem da condição de escravo para a de cidadão foi feito de maneira incorreta e sem se pensar o que fazer com o contingente de trabalhadores livres. Da noite para o dia os negros foram declarados livres e após a "comemoração" encontravam-se sem abrigo, trabalho e meios de subsistência. Mesmo sendo forçado, no trabalho escravo o negro recebia um mínimo para sua subsistência. Com a libertação, não se considerou a necessidade de proporcionar-lhes meio de sobrevivência, como posse da terra para sua fixação. Dava-se o primeiro passo para sua marginalização e desfavorecimento.

Os negros que viviam na cidade encontravam-se agora perambulando pelas ruas como mendigos e começaram a habitar cortiços que deram origem a favelas. Os que viviam no campo migraram para as cidades causando uma das grandes manifestações de êxodo rural em nosso país. Durante muito tempo, os negros não conseguiram acesso a profissões ou ocupações, mesmo aquelas das quais foram desalojados, principalmente devido a chegada de emigrantes europeus que passaram a substituir o homem negro primeiramente nas lavouras de café. Os serviços mais modestos, que exigiam especialização mínima, e eram mal remunerados representavam normalmente as oportunidades mais amplas do negro no mercado de trabalho.

A necessidade de colocação no mercado de trabalho do trabalhador livre inicia-se com o novo modo de produção, que não condiz com o trabalho escravo e não especializado. Diante desse quadro, o negro ficou à margem do processo, sendo utilizado em serviços insalúbres nas indústrias.

Essa situação se refletiu de tal forma no nível econômico dos negros, que levou a um processo de marginalização social, uma vez que implicou na acumulação de riquezas e na elevação do nível de vida. O escravo passa de meio de produção para assalariado, porém não participa da elevação social no mesmo nível que os senhores brancos.

A reprodução da deterioração do nível de vida do negro dá-se então a partir daí, sendo ele impedido de exercer plenamente as atividades de trabalhador livre, uma vez que não tem fácil acesso ao mercado de trabalho e à participação política

Com o escravismo, constituiu-se uma estrutura de privilégios a favor da população branca. Admitir o negro como um cidadão significaria, para esse contingente dominante, a provável perda dos benefícios angariados ao longo da adoção do trabalho escravo. Preconceito e discriminação ganham, então, novos significados e espaços de atuação, voltados para a defesa desta estrutura de privilégios.

O Presente

A atual situação do negro não é muito diferente da vivida durante os três séculos e meio de escravidão. Tendo uma legislação que garantisse proteção contra os “crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor” (lei 7.716/89), promulgada cem anos depois que tornaram-se livres neste país, os negros constatam que, a exemplo da lei de 07 de novembro de 1831, que tentava impedir o tráfico de escravos (Fausto, 2000), esta também parece ser uma lei “para inglês ver”, uma vez que não surtiu efeito preventivo às atitudes preconceituosas a que os negros estão diariamente expostos.

Embora os brasileiros neguem o preconceito e afirmem a idéia da democracia racial, iniciada por Gilberto Freire, os números das pesquisas e as análises sociais desenvolvidas nos últimos anos, demonstram que para o negro as portas estão fechadas e as condições de vida são muito mais difíceis que para o branco, mesmo que ambos ocupem a mesma classe na hierarquia social.

De acordo com o último censo do IBGE, realizado em 2000, 6,21% da população brasileira é de cor preta, o que equivale a aproximadamente 10,5 milhões de pessoas e 38,45% da população é de cor parda, o que equivale a aproximadamente 65,3 milhões de pessoas. Juntas elas somam uma população de 75,87 milhões de pessoas.

Esse número refere-se a quase metade da população total do país. É um número bastante significativo, mas que não garante as mesmas condições de vida da outra parte da população, formada por brancos, amarelos e indígenas.

Para que a noção da desigualdade fique ainda mais nítida, faz-se necessário que haja a comparação, levando-se em conta o critério cor, de alguns dados fornecidos pelo IBGE, no Censo 2000. No item saneamento básico, 67,2% da população preta e parda, contra 82,8% da população branca possuem água encanada. 62,7% da população branca, contra 39,6% da população preta e parda, utilizam esgoto canalizado. Estes números se refletem na taxa de mortalidade infantil que atinge 62,3 em cada mil pretos e pardos, contra 37,3 em cada mil brancos. Se contada apenas a mortalidade de menores de cinco anos de idade, os números mudam: são 76,1 em cada mil pretos e pardos mortos, contra 45,7 em cada mil brancos. Quanto a educação a desigualdade também se faz presente. Em média os pretos e pardos maiores que 10 anos, passam apenas 4,6 anos na escola; ao passo que os brancos com a mesma faixa etária, passam em média 6,6 anos. Em pesquisa recente, divulgada

pelos telejornais da Rede Globo de Televisão¹, o Brasil possui 15,5 milhões de analfabetos, sendo que 66,6% são negros.

De acordo com Alberto (1998), segundo pesquisa realizada pela ONU

“(...) em termos de qualidade de vida existem dois ‘Brasis’, um para os brancos, no qual o índice de qualidade de vida chega a 63ª. posição mundial e, outro para os negros, cuja situação de IDH está em 120ª. lugar no mundo” (p.66)

A desigualdade dos números é clara, mas faz parte do conhecimento de poucos. A desigualdade que denuncia e ao mesmo tempo influencia, aparece na mídia, nas telenovelas, nos romances da literatura, na hora de procurar emprego, na remuneração, que em geral é menor que a dos brancos, em um círculo de amigos, que evitam maiores aproximações com os negros, nas piadas, no apelo sexual dado às pessoas negras e nos modelos do que é belo, bom, honesto, apontados pela sociedade como sinônimo de branco.

Embranquecer-se

O cabelo crespo, os lábios grossos, o nariz “achatado”, a pele negra. Tudo isso são características físicas do povo negro. Características que alguns negros teimam em querer extinguir, alisando o cabelo e fazendo cirurgias plásticas; não por vontade verdadeiramente própria, mas porque são marcas que causam rejeição e sofrimento.

Além das mudanças físicas, outras mudanças, talvez mais profundas, são realizadas na vida do negro, sobretudo no Brasil. São mudanças provocadas pela ideologia do

¹ Pesquisa divulgada no telejornal Bom dia Brasil de 08/10/2003.

embranquecimento, que fundamentada na superioridade do branco, valoriza supostos benefícios sociais, culturais e genéticos trazidos pelo branqueamento da população.

Embranquecimento é um processo de assimilação dos valores de pessoas brancas, por pessoas não brancas.

A ideologia do embranquecimento, apresenta o branco como modelo de beleza, de sucesso e de retidão moral, ou seja, o modelo social desejável, fazendo com que o negro busque aproximar-se desse modelo (Hasenbalg, 1988 apud Soligo, 2001).

Ser branco significa ser socialmente aceito, estar no domínio das situações, ser negro significa ser subserviente, marginal, sujo, desonesto. De acordo com Chagas (1996), este contexto faz com que o negro construa sua identidade num seio familiar profundamente discriminado, que histórica e culturalmente, tem assumido uma certa inferioridade diante dos demais grupos sociais. Esse ambiente formador da identidade, propicia ao negro o desenvolvimento de sentimentos de *“autodesvalorização, insegurança, desesperança, falta de auto-estima, de autonomia e confiança”*(p.19), traduzindo no branco um modelo que ao mesmo tempo é odiado, porque segrega e desejado, porque é sinônimo de ascensão e de modelo socialmente valorizado (Costa, 1983).

Ascender socialmente, significa para o negro, segundo Souza (1983), a saída da marginalidade social, a redenção econômica, social e política, capaz de transformá-lo em um cidadão respeitável. Todavia, em nossa sociedade, um cidadão respeitável, equivale a um cidadão branco, logo o negro para ser considerado um cidadão respeitável deveria renunciar a identidade negra e assimilar os padrões do branco.

Porém, a ideologia do embranquecimento como forma de ascensão, não passa de um mito, uma vez que produz algo ilusório, nega a história e a transforma em algo natural. Mito porque mascara a real condição do negro, dando-lhe a ilusão de que um dia será

realmente branco e, portanto, não será mais estigmatizado. Além disso, *“fragmenta a identidade negra na medida em que opera uma dicotomia entre assumir a própria identidade e valores (negros) e ver-se distanciado do modelo ideal, ou buscar o modelo ideal à custa da dissolução da identidade”* (Soligo,2001 p.36)

É na busca da aproximação do modelo ideal (branco) que o negro dissimula suas características e nega sua condição de negro, tentando parecer cada vez mais branco, tanto no que diz respeito à aparência, quanto ao que diz respeito à condutas sociais. Outra forma de buscar o embranquecimento é o casamento ou relações afetivas com pessoas brancas; essa relação vai muito além do senso-comum de que os negros querem embranquecer biologicamente seus filhos. De acordo com Souza (1983), o amor do negro para com o branco nessas relações, se dá devido às perfeições que o negro se esforça para conseguir. Ama-se a brancura, não o sujeito, é uma maneira indireta de conseguir atingir o inatingível.

De acordo com Costa (1983) ao sujeito negro é oferecido o modelo Ideal de Ego branco e esse modelo torna-se algo tão intenso para o negro que transcende o real sujeito branco. Brancura torna-se um fetiche, sinônimo da beleza, da bondade, da perfeição, da justiça, do divino, da civilização e até da própria humanidade, porque a sociedade refere-se ao negro como feio, mau, incapaz, ignorante, desonesto, preguiçoso. Tudo isso leva o sujeito negro a desejar e projetar uma identificação antagônica em relação a sua realidade histórica, étnica e social.

É fato que a eleição do branco como modelo ideal (social e como Ideal de Ego), provoca no negro uma ferida que permanece aberta, porque são impostas a ele expectativas que jamais serão atendidas, uma vez que ser branco lhe é impossível.

Sobre a Pesquisa

Objetivos

Identificar elementos do autoconceito e da auto-imagem de adolescentes negros, a partir de desenhos e da maneira como os mesmos escrevem sobre si.

Método

Participantes da pesquisa

A pesquisa contou com a participação de 33 estudantes negros da cidade de Campinas, com idade entre 15 e 18 anos, sendo 15 do sexo masculino e 18 do sexo feminino.

Material

A pesquisa era composta por um questionário (anexo I) e por duas atividades, em que os participantes deveriam apresentar-se através de um texto baseado no início do poema Morte e Vida Severina, de João Cabral de Mello Neto (anexo V) e construir um auto-retrato com lápis de cor e/ou grafite ou um auto-retrato com recortes de revistas.

Com o questionário, pretendia-se observar a situação social e alguns aspectos psicológicos dos participantes, como, por exemplo, a identificação com modelos sociais. Com as atividades, objetivava-se identificar conteúdos relativos ao autoconceito dos participantes, isto é como eles se vêem, como se definem.

Procedimentos

A pesquisa foi aplicada de forma coletiva, em 4 salas de aula de uma escola pública da periferia de Campinas- SP, durante 3 dias consecutivos. Estudantes negros e brancos

realizaram as atividades da pesquisa, porém as atividades realizadas pelos negros foram separadas, para que a análise fosse feita segundo os objetivos da pesquisa.

Dos 33 participantes negros, 18 fizeram todas as atividades propostas, 9 responderam ao questionário e fizeram o texto de apresentação, 4 apenas fizeram o texto de apresentação e 2 apenas responderam ao questionário e fizeram o desenho.

Resultados e discussões

Os resultados de cada uma das atividades serão analisados separadamente, iniciando-se pelo questionário, passando pelos desenhos e terminando com os textos de apresentação.

Questionário

Dos 29 participantes que responderam ao questionário, todos se identificaram com nome, sendo que 3 optaram por identificar-se com nomes fictícios.

Os participantes tinham algumas opções para se classificarem quanto a cor: 5 participantes se classificaram como negros, 15 participantes se classificaram como morenos, 7 participantes se classificaram como pardos, 1 participante se classificou como mestiço e 1 participante se classificou como mulato.

O item que questionava sobre a cor, “obrigava” o participante a pensar sobre si. Foi possível observar tentativas de recusa, no que diz respeito a reflexão sobre esse tema. Alguns perguntavam para os colegas sobre sua cor. Numa dessas ocasiões foi possível observar a dificuldade de afirmação da cor e a confusão de identidade que uma pessoa negra vivencia. Um rapaz negro, perguntou a um colega branco:

- O que eu sou? Moreno, pardo ou mestiço?
- Você é preto! Negão!
- Que preto! Eu sou marrom! Negão eu não sou!
- Então coloca que você é marrom.

— Eu não. Vou pôr que eu sou moreno.²

No Brasil, como bem esclareceu Guimarães (1999), a cor funciona como uma imagem figurada da raça, ela é o estigma dos negros. Portanto, fugir da palavra “negro”, ou de qualquer outra palavra que lhe é sinônimo no imaginário social, traz ao negro a sensação de estar longe da discriminação e da marginalização sofrida pelos negros. Nesta tentativa de fugir do estigma, não percebe o sujeito negro, a cruel violência a que foi submetido, a violência de não poder identificar-se de maneira verdadeira, a violência de ser forçado a reconhecer-se em imagens que não são de fato suas.

Com relação à escolaridade dos pais, que foi um dos itens do questionário, os resultados aparecem na tabela I:

Tabela I

ESCOLARIDADE	E.F.C.	E.F.I.	E.M.C.	E.M.I.	G.	P.G.	N.A.
MÃE	5	17	2	3	1	1	0
PAI	6	11	4	3	1	0	1
TOTAL	11	28	6	6	2	1	1

EFC= Ensino Fundamental Completo
EFI= Ensino Fundamental Incompleto
EMC= Ensino Médio Completo
EMI= Ensino Médio Incompleto
G= Graduação
PG= Pós-graduação
NA= Não- alfabetizado

Foi possível observar através dos dados representados na tabela I, que a maioria dos pais destes adolescentes não completou o Ensino Fundamental, ilustrando a constatação, feita através de pesquisas, que no Brasil os negros não tem acesso a todos os níveis de escolarização. Dos 15,5 milhões de analfabetos existentes no Brasil, aproximadamente,

² Anotações realizadas durante a pesquisa.

10,3 milhões são negros. De acordo com os dados do Censo 2000, realizado pelo IBGE, os negros maiores de 10 anos de idade, passam apenas 4,6 anos na escola.

Obviamente, o negro não estuda pouco, porque quer. Em verdade as relações desiguais presentes na sociedade afetam também o ambiente escolar, onde a criança negra enfrenta o preconceito racial presente nos livros, que representam os negros de maneira inferiorizada (Santos, 2002). Além disso, devido a situação sócio-econômica do negro, ele é forçado a deixar a escola mais cedo para trabalhar.

De acordo com os dados do questionário, a maioria, ou seja 14 participantes da pesquisa preferem o cinema como uma opção cultural. No que diz respeito ao lazer, não houve uma maioria em um determinado item, mas houve algumas preferências que receberam maior adesão, como as viagens (6 participantes assinalaram esta opção, sendo que 4 ressaltaram que são viagens com a família); 5 declararam preferir jogos eletrônicos e 5 preferem a leitura como forma de diversão. Analisando estas preferências, é possível afirmar, que são atividades que privilegiam a solidão ou o isolamento social, mesmo nas viagens, que implica em um contato com demais pessoas, houve uma preferência de que estas pessoas fossem membros da família, portanto pessoas que provavelmente possuem a mesma cor, a mesma origem e que por isso, provavelmente vivenciem os mesmos problemas.

Um dos itens presentes no questionário, diz respeito aos “ídolos”, ou seja, às pessoas em que os participantes se espelham, porque as admiram por algum motivo. Foi pedido para que se numerasse, por ordem de importância, 5 personalidades da vida, da história, do cinema, da TV, da música, etc. e que discorressem brevemente sobre os motivos pelos quais essas pessoas são admiráveis. Os objetivos do levantamento deste dado, era conhecer em quem essas pessoas se espelham e se as personalidades que lhes são

referência são negras ou não, uma vez que para Souza (1983), é preciso que haja um modelo ideal, perfeito ou quase, a partir do qual o indivíduo possa se constituir. Foram levados em conta apenas as personalidades que foram citadas em primeiro lugar, porque estas representam as mais importantes para os participantes da pesquisa. Os dados aparecem na tabela II

Tabela II

PERSONALIDADE	N.º DE VEZES QUE FOI CITADO	CATEGORIA	COR
Vin Diesel	2	Ator	Branca
Vavá	1	Cantor	Branca
Renato Russo	3	Cantor	Branca
Bruce Lee	1	Ator	Amarela
Che Guevara	1	Personalidade/história	Branca
Samara Filipo	1	Atriz	Branca
namorado	1	Personalidade/vida	Não declarada
mãe	3	Personalidade/vida	Não declarada
Deus	1	Personalidade/religião	Branca*
Jesus Cristo	3	Personalidade/religião	Branca*
amigos	1	Personalidade/vida	Não declarada
Reinaldo Gianechini	1	Ator	Branca
pai	4	Personalidade/vida	Não declarada
John Lennon	1	Cantor	Branca
Sérgio Marone	1	Ator	Branca
Talia	1	Cantora	Branca
Hittler	1	Personalidade/história	Branca
Ela mesma	1	Personalidade/vida	Negra
Kamikazes	1	Personalidade/história	Amarela

* De acordo com as imagens veiculadas pela crença Cristã, Jesus Cristo era um homem branco. A cor de Deus, não é definida, embora no imaginário popular, devido as imagens veiculadas, trata-se de um homem branco, com cabelos lisos e uma grande barba.

Observando os dados da tabela II, é possível afirmar que a maioria dos participantes da pesquisa elegeu como personalidade em que se espelha, o pai, que é uma personalidade do convívio familiar e que possivelmente é de cor negra. Os motivos citados pelas pessoas que apontaram o pai como “ídolo”, são referentes à honestidade, força, por

ser trabalhador e pela “raça”, no sentido de força, de bravura. Depois do pai, as pessoas mais citadas, com três indicações cada uma, foram Jesus Cristo, a mãe e Renato Russo. Novamente aparece uma personalidade que possivelmente é negra - a mãe- e os motivos da admiração são por ser trabalhadora, por ser cuidadosa e responsável. Jesus, da maneira como Ele é divulgado pela fé Cristã, trata-se de um homem branco, de olhos claros, de uma bondade e abdição inigualáveis; todas as pessoas que citaram Jesus como personalidade de referência, justificaram dizendo que foi Ele quem salvou o mundo. Por último, Renato Russo, um homem branco, de origem européia, uma personalidade da música brasileira é citado como referência, porque escrevia letras com temas sociais, que alertavam os jovens sobre as desigualdades e que lutou contra o preconceito por ser homossexual e por ter AIDS.

É possível observar que as demais personalidades citadas, são todas de cor branca, ou amarela e que, os modelos negros de identificação, que aparecem na pesquisa são pessoas do convívio familiar, aquelas que estão próximas . Os modelos distantes, que podem parecer intocáveis, ou desejáveis, não são negros.

Esses dados reforçam a idéia de que no Brasil, os poucos negros que ascendem não são referência nem para os demais negros, nem tão pouco para os brancos. Isso porque, o Ideal de Ego desejado pelos indivíduos é branco, uma vez que, de acordo com a sociedade e com os modelos apresentados pela mídia, está no branco os padrões de beleza física, de retidão moral e de sucesso pessoal, financeiro e profissional ; essa idéia é reforçada pelo fetiche da brancura, no qual o negro projeta o ideal identificatório no branco. (Costa, 1983).

A identificação e o desejo de se igualar a personalidades brancas demonstram uma tentativa de se imitar os padrões de vida e a origem étnica dessas personalidades. Essa atratividade exercida por personalidades brancas sobre os indivíduos, influencia de maneira

decisiva na percepção que o indivíduo tem de si, ou seja, em seu autoconceito (Silva, 1993).

Outro item do questionário que deixa clara a identificação e o desejo de se imitar os padrões brancos, foi o item que perguntava sobre mudanças (físicas e/ou sentimentais) que os participantes gostariam que ocorressem. Dos 29 participantes, 18 referiram-se somente a mudanças físicas, sempre ligadas a traços indicadores de negritude, como a cor da pele, a cor dos olhos, os cabelos e o nariz. Escreve uma participante:

“O meu cabelo, gostaria que ele fosse ondulado e com menos volume, ou senão liso.” (Sandra)³

Outros cinco participantes referiram-se a mudanças físicas e sentimentais.

“Eu queria deixar de ser chata como meu nariz, que mais parece uma barata esmagada. Queria ver a vida com outros olhos, azuis, de preferencia.” (Karem)

Quatro participantes disseram não haver nada que desejassem ser diferente em si e 2 participantes citaram apenas as mudanças sentimentais que desejam:

“Eu queria não ter dó de ninguém, eu tenho dó de todo mundo, as vezes tenho dó até de mim” (Guilherme)

“Eu gostaria de mudar a minha timidez, pois eu tenho muita vergonha, tenho medo de me expressar. Gostaria de ser mais comunicativa por isso gostaria de perder a minha vergonha. E não ficar com raiva das pessoas que me falaram coisas ruins, que me umilharam, pois com isso eu só vou ficar ainda pior. Não adianta ficar com raiva, eu não vou deixar de ser o que eu sou.” (Nádia)

³ Todos os nomes dos participantes são fictícios.

A fala desses dois participantes transmite algo que dá pistas sobre a relação que eles mantêm com os outros e consigo. É possível inferir que o sentimento de que ambos mais desejam se livrar é o sentimento de inferioridade que têm em relação a si. A vergonha e a timidez de Nádia demonstram isso, bem como o desejo de não ter mais o sentimento de raiva. Em suas palavras, Nádia parece demonstrar o desejo de que o sentimento de raiva trouxesse mudanças para sua vida, que a transformasse em algo que não fosse mais alvo de humilhações. Ela aparenta se conformar com a posição inferior nessa relação, uma vez que não vai deixar de ser o que é, só porque sente raiva das pessoas. Supondo que as “palavras ruins” e a humilhação a que Nádia se refere seja piadas ou situações com conotação racista, o sentimento de inferioridade, a falta de auto-estima e de autoconfiança fazem com que ela não tenha forças para lutar contra o preconceito que sofre, então resta-lhe apenas desejar ignorar as situações que lhe causam humilhação.

De acordo com Souza (1983), os sentimentos de culpa e inferioridade, insegurança e angústia acontecem, devido a enorme distância entre o ideal (branco) e o possível (ser branco não é possível). As falas sugerem que os participantes estão decepcionados consigo mesmo (a auto-piedade de Guilherme demonstra isso), porque não respondem às expectativas que se impõem, por não possuírem um Ideal realizável pelo Ego, sucumbindo ao discurso social introjetado e assimilado pelo Superego de que “o negro é ruim”.

Desenhos

Apenas 20 participantes fizeram o desenho. Foi possível notar uma grande resistência ao desenho, em especial por ser um auto-retrato. Todos os participantes que realizaram esta etapa da pesquisa, dispensaram a cor, recusando-se a usar lápis colorido, giz

de cera e recortes de revistas e prenderam-se apenas ao grafite. Alguns buscaram colocar traços de si no desenho, outros realizaram desenhos estereotipados, numa tentativa de terminar logo o trabalho. Quando questionado o motivo pelo qual terminou rapidamente seu desenho o participante Bruno, disse:

“Só gosto de desenhar coisas boas e coisas bonitas”(Bruno).⁴

Nesta fala, Bruno parece se classificar como algo ruim e feio. Reproduz, portanto, a fala social de que o negro está longe dos padrões de beleza e de bondade que devem ser seguidos por todos.

Apesar da resistência em se desenhar e principalmente em colorir o desenho, é possível verificar alguns traços negros, como os cabelos crespos e os lábios grossos em alguns desenhos (anexo II) .

Dois desenhos despertaram atenção. Antes de dizer por que, é preciso esclarecer que quando foi pedido aos participantes que se desenhasssem, foi dito o seguinte: “Desenhe você. Como você se vê. Imagine você se olhando, como se estivesse de frente para um espelho e se desenhe”. O desenho feito pelo participante Daniel (anexo III), apresenta um menino vestido com roupas rasgadas e sapatos sujos; esse menino tem a boca invertida, simbolizando infelicidade e não tem olhos. Já que foi solicitado que eles se imaginassem olhando para um espelho, pode-se inferir que este participante não se reconhece, não se vê, quando se olha.

Para Costa (1983), o indivíduo precisa identificar-se com modelos no decorrer do seu desenvolvimento. Neste exercício de reflexão sobre si mesmo, Daniel parece não se identificar com os modelos (belos) de desenho que a sociedade valoriza, por isso preferiu

⁴ Anotações realizadas durante a pesquisa

não desenhar aquilo que popularmente chamamos de “refletores da alma”: os olhos. Porque a cultura do embranquecimento tirou-lhe o direito de ter uma identidade (alma), forçando-lhe a interiorizar um Ideal de Ego branco, indo de encontro com seus traços, sua cor, sua identidade negra. A boca invertida, refletiria o sentimento que Daniel tem ao que se refere a si mesmo.

Outro desenho que despertou interesse (anexo IV) foi feito pelo participante Guilherme. Ele desenhou-se e ao seu lado desenhou um porco, unindo os dois desenhos há duas setas e o símbolo matemático de igualdade. Estaria Guilherme se comparando a um porco? É provável, uma vez que é comum ouvir pessoas referindo-se a negros como pessoas sujas, malcheirosas, “encardidas”, numa referência a cor da pele.

Textos de apresentação

Com base no início do poema Morte e Vida Severina, foi solicitado aos participantes que produzissem um texto em que se apresentassem, discorrendo um pouco sobre sua aparência física, seus sentimentos e sua origem.

Nem todos os participantes optaram por descrever-se fisicamente. Todos citaram o nome, sendo que 3 preferiram usar nomes fictícios, a idade e fizeram algumas referências a características psicológicas ou sentimentos; fisicamente, discorreram de forma muito breve sobre a estatura, o peso, a cor dos olhos e dos cabelos. Foi possível observar neste texto que os participantes resistiram em mencionar sua cor. Uma das participantes, que é negra, me perguntou se era necessário colocar que era “preta”, eu respondi que era para ela se apresentar, falar de suas características físicas e sentimentais, colocando tudo que a

representasse, para que quem fosse ler a reconhecesse. Em seu texto ela não mencionou sua cor, apenas se descreveu dessa maneira:

“Posso dizer que sou uma pessoa normal. Tenho 1,66 de altura, um corpo...bom também tenho defeitos. Sou feliz vivo de bem com a vida”. (Ana Paula)

Nesta etapa da pesquisa, apenas 7 pessoas mencionaram sua cor, sendo que destas apenas 2 classificaram-se como negras, 4 classificaram-se como morenas e 1 classificou-se como “morena-jambo”. É possível observar a resistência ao termo “negro” e a preferência em usar o termo “moreno” e até outras denominações, numa tentativa de amenizar o estigma do termo negro.

Não foi apenas o item cor da pele que os participantes resistiram em mencionar. Evitou-se usar o termo “crespo” para descrever seus cabelos, os rapazes usaram o termo “enrolado” e as moças, todas de cabelos alisados utilizaram o termo “liso”. A cor dos olhos foi citada em todos os textos de apresentação, mesmo porque, a cor dos olhos não caracteriza a cor da pele, nem a etnia à qual o indivíduo pertence.

Todos os participantes que fizeram o texto de apresentação, citaram características afetivas e psicológicas, que reconhecem em si, como “resolvida”, “individualista”, “materialista”, “sensível”, “amorosa”, “vingativo”, “tolerante”, “simpática”, “chato”, “ciumento”, “impulsivo”, etc. Apenas 9 participantes mencionaram a forma como outras pessoas os vêem, de acordo com estes participantes as outras pessoas os vêem como: “chato”, “cafona”, “certinha”, “preguiçoso”, “filhinha de papai”, “delinquente”, “burro”.

Apenas 1 participante afirmou ser “diferente” dos outros:

“(...) mas eu me acho muito diferente em relação aos outros porque sou uma pessoa quieta, sossegada, nunca faço brincadeiras de mau gosto. Acho que adquiri isso

desde pequeno por que eu sempre coloquei na minha cabeça : quando eu crescer eu não serei como os outros.” (Cláudio)

É possível reconhecer alguns interessantes aspectos psicossociais nas palavras desse participante da pesquisa. A necessidade de diferenciar-se dos outros é um deles. Se desde criança, quando supostamente as pessoas que o cercavam eram de maioria negra, devido ao círculo familiar, ele pretendia ser diferente dos “outros negros”, ou seja, embranquecer-se. Ao crescer, espelhando-se no que se considera um comportamento adequado e tendo como referências as imagens culturais do branco (a música clássica, a educação e os costumes requintados, a aversão a bagunça, etc.) e as imagens culturais do negro (batuques, marginalidade, bagunça, falta de educação e respeito, etc.), ele afirma ser quieto, sossegado e não fazer brincadeiras de mau-gosto, porque isso é o contrário do que é atribuído aos negros e esta negação é uma maneira de ele afirmar sua boa índole, é portanto uma maneira de se auto-afirmar, demonstrando qualidades socialmente positivas.

“(...) cada pessoa está constantemente sendo categorizada por outras, aprende a prever como será categorizada e acaba por se ver nestes termos: isto é a auto-imagem (...) Isso dá lugar à imaginação e à fantasia sobre o “Eu” e ao desenvolvimento de um “eu ideal”. Esses processos cognitivos afetam a interação social, porque uma auto-imagem só pode ser mantida se os outros a aceitam e reagem a ela de maneira apropriada” (Argyle, 1976 apud Silva, 1993).

Vários outros temas apareceram no texto de apresentação. Quinze dos participantes citaram hobby's, mencionaram gosto por grifes, alimentos, lazer e lugares. Seis participantes mencionaram esportes como forma de diversão e catarse. Nestas citação foi possível observar que os participantes gostam de dançar, mas muitos não saem para fazer isso,

“meu hobby é dançar, eu danço muito bem, principalmente samba e axé, mas eu danço no meu quarto, para que ninguém me veja” (Érica).

Foi possível observar também que um dos participantes cita grifes caras e comida japonesa, como suas preferências, parecendo expressar uma (ou um desejo por uma) ascensão, numa tentativa de ser aceito socialmente, não pela cor, mas pelo dinheiro que tem, deseja ou aparenta ter. Enquanto uns tentavam demonstrar uma boa situação financeira mencionando gostos e bens, outros deixaram claro que passam por dificuldades financeiras:

“estou procurando emprego, porque preciso ajudar minha mãe a sustentar a casa (...)minha família já passou por muitos problemas um desses problemas a gente está passando agora com a falta de dinheiro” (Diogo).

Foram 3, os participantes que afirmaram passar por dificuldades financeiras e declararam que estão a procura de emprego. Outros 2 participantes também estão procurando emprego, mas não fizeram referência a situação financeira vivida por eles; ainda outros 3 participantes já trabalham.

Outro tema muito recorrente foi a família: 24 participantes referiram-se à ela como algo muito importante em suas vidas. Desses, 2 citaram que os pais são separados, 2 mencionaram que o pai já faleceu e 8 deram pistas de que convivem em uma família nuclear. A maioria dos participantes reclamaram dos limites impostos pelos pais, em especial no que diz respeito a sair à noite, mas ao mesmo tempo, todos os que se queixaram reconheceram que se trata de cuidados que os preservam e que por isso, são muito bons. Dois rapazes escrevem:

“ (...) me sinto meio preso de vez em quando, pois a maioria das coisas que eu faço devo pedir permissão aos pais. Mas acho isso bom, pois assim eles possuem um certo controle sobre mim e evita que eu faça coisas erradas” (Cláudio).

“ As vezes acho minha vida um saco porque não posso sair de casa, porque minha mãe tem medo que os outros vão pensar que eu sou bandido. Coitada ela tem razão...” (Daniel).

Esta última fala, que trata do medo que a mãe do rapaz tem de que ele seja confundido com um bandido, ilustra algo muito comum no imaginário social: “ negro é desonesto e se sai à noite, só sai para cometer delitos”, Valente (1987) cita uma inscrição, que segundo ela, está , ou na época estava gravada na Escola de Polícia de São Paulo : *“Um negro parado é suspeito; correndo é culpado”* (p. 25).

Com relação à educação, apesar de os dados de diversas pesquisas demonstrarem a exclusão escolar dos negros, 21 participantes deixaram claro, no texto de apresentação, que pretendem fazer cursos de graduação ou cursos técnicos para profissionalizar-se, em diversas áreas, como demonstra a tabela III.

Tabela III:

GRADUAÇÃO/ PROFISSIONALIZAÇÃO	N.º. DE PARTICIPANTES
Engenharia Civil	1
Direito	4
Administração de Empresas	1
Pedagogia	1
Enfermagem	1
Medicina	4
Técnico em informática	1
Educação Física	1
Ciência da Computação	1
Militar	1
Psicologia	1
Turismo	1
Atleta	3

Observando os dados da tabela III, é possível afirmar que a maioria dos participantes que mencionaram as intenções profissionais, opta por profissões de grande

prestígio, que já foram consideradas “nobres”, como a medicina e o direito, buscando provavelmente, a ascensão social . Um dado interessante, foi a opção de 3 participantes em fazer do esporte uma profissão. Essa opção se dá pelas referências sociais que os negros têm. No Brasil, ainda é raro vermos médicos, advogados, engenheiros negros e os poucos que existem enfrentam preconceitos para firmar-se na profissão, uma vez que a maioria das pessoas duvida da capacidade intelectual e profissional dos negros. Esses participantes perceberam que há na música e no esporte, uma brecha de ascensão social, talvez a única, em seu imaginário. As únicas profissões em que os negros não enfrentam tantos preconceitos, são as ligadas aos esportes e à música. Tudo isso é parte do conceito racista, que primeiro atribui um caráter lúdico à essas profissões, eximindo-as de responsabilidade social, o que implica em uma não exigência de preparo intelectual; e que depois determina que os negros possuem aptidões esportivas, porque herdaram dos seus antepassados o fôlego e a força de quem vivia em comunidades tribais, na África e que corria de animais selvagens e caçava para sobreviver. O “espírito musical” e a potência de voz são características atribuídas ao “sangue quente” que acreditam ser exclusividade dos negros e ao costume dos cantos e batuques dos cultos religiosos também herdados. (Valente, 1987; Santos, 1988).

Com isso, os negros vão deixando de ser negros e passam a ser apenas “artistas” ou “esportistas”, trocando o atributo rechaçado pela sociedade (a cor) por um outro (a arte ou o esporte) aceito e até mesmo valorizado pelo branco (Costa, 1983).

Considerações Finais

Este trabalho buscou compreender os motivos que levam os negros a negar-se como tal.

Nas atividades realizadas, foi possível observar, na maneira como o negro se descreve, como se representa e como fala de si, que a negação da condição de negro ainda está presente na sociedade atual.

De acordo com as atividades realizadas pelos participantes foi possível observar que os modelos de identificação dos negros ainda são os brancos. Isso se dá devido a ostensiva apresentação do branco como exemplo de civilidade, bondade, retidão moral, enfim um modelo da própria humanidade e da apresentação do negro como ruim, promíscuo, desonesto, preguiçoso, coisificado como algo desumano.

Os participantes demonstraram preferir atividades e gostos socialmente valorizados, construídos a partir de um padrão branco.

Foi possível observar também que os participantes da pesquisa apresentam características psicológicas adaptadas aos padrões brancos, demonstrando que passaram pelo processo de embranquecimento, assimilando condutas e produzindo mudanças físicas características dos brancos.

Essa situação se dá devido ao fato de não haver negros em posições sociais de destaque, fazendo com que o negro não tenha modelos de identificação que lhe favoreça a construção de uma auto-imagem positiva e de um autoconceito satisfatório.

Este estudo levantou reflexões sobre a violência sofrida pelo negro. O negro é violentado de forma cruel e incessante, uma vez que não encontra outro caminho, se não

encarnar o corpo e o Ideal de Ego branco e, ao mesmo tempo anular a presença do seu corpo negro.

Desta forma o negro é levado a destruir sua identidade, através da internalização dos padrões branco, formulando para si projetos de vida e de identificação incompatíveis com suas propriedades biológicas, o que causa uma enorme frustração, uma vez que ser branco é algo impossível, para quem nasceu negro.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina**. 5 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.

MEMMI, Albert. **O Racismo**. (tradução: Natércia Pacheco e Manuela Terraseca) 1993, ed. Caminho

MOURA, Clóvis. **O negro. De bom escravo a mau cidadão?** Rio de Janeiro.1977, ed. Conquista.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. Série Fundamentos. São Paulo.1988, ed. Ática.

OLIVEIRA, Ivone Martins de. **Preconceito e autoconceito: identidade e interação na sala de aula**. Campinas. 1994, ed. Papirus

OLIVEIRA, Dijaci David de, [et.al] (org.). **A cor do medo: homicídios e relações raciais no Brasil**. Brasília,1998, ed. UnB

PEREIRA, João B.B. “Racismo à Brasileira”. In MUNANGA, Kabengele. **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial no Brasil**. São Paulo. 1996, ed. EDUSP.

SANTOS, Kelly Cristina P. **Personagens negros em Monteiro Lobato: rótulos e preconceitos**. (Trabalho de Conclusão de Curso) Campinas, 2002. Faculdade de Educação-Unicamp.

SANTOS, Pe. Anízio Ferreira dos. **Eu, negro: Discriminação racial no Brasil. Existe?** São Paulo.1988, ed. Loyola.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo**. Cap. II, São Paulo. 1960, ed. Difusão Européia do Livro.

SILVA, Consuelo Dóris. **A construção da identidade no processo educativo: um estudo da auto representação dos alunos negros no universo da escola pública.** (Dissertação de Mestrado), Belo Horizonte. 1993, Faculdade de Educação – UFMG.

SILVA, Martiniano José da. **Racismo à brasileira: Raízes históricas.** Brasília, 1987, ed. Thesaurus.

SOLIGO, Ângela F. **O preconceito racial no Brasil: análise a partir de adjetivos e contexto.** (Dissertação de Doutorado) Campinas, 2001. PUC- Campinas.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro. 1983, ed. Graal.

SOUZA, I.S. **O resgate da identidade na travessia do Movimento Negro: arte cultura e política.** (Dissertação de Doutorado) São Paulo. 1991. USP.

VALENTE, Ana Lúcia E.F. **Ser negro no Brasil hoje.** São Paulo. 1987, ed. Moderna

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo. 1984, ed. Martins Fontes.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância.** Lisboa. 1975, ed. Estampa.

Anexos

Anexo I – Questionário

Caro adolescente

Sou estudante do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP- e como exigência para a conclusão do curso, estou realizando uma pesquisa que tem por objetivo analisar o modo como o adolescente, na sociedade atual, se vê. Para tanto, solicito que responda o questionário que segue e que participe da realização das atividades que serão propostas em sala de aula.

Grata,

Rosângela dos S. Moreira Barbosa.

1. Nome: _____

2. Idade: _____

3. Sexo: _____

4. Como se classifica:

☐ branco	☐ pardo	☐ descendente de índios	☐ mestiço
☐ negro	☐ moreno	☐ descendente de orientais	☐ _____

5. Nível de escolaridade da mãe:

☐ Ensino Fundamental incompleto	☐ Ensino Médio incompleto
☐ Ensino Fundamental completo	☐ Ensino Médio completo
☐ Ensino Superior incompleto	☐ Ensino Superior completo
☐ Pós-graduação	☐ Não-alfabetizada

6. 6. Nível de escolaridade do pai:

☐ Ensino Fundamental incompleto	☐ Ensino Médio incompleto
☐ Ensino Fundamental completo	☐ Ensino Médio completo
☐ Ensino Superior incompleto	☐ Ensino Superior completo
☐ Pós-graduação	☐ Não-alfabetizado

Para responder às questões n.º 7 e 8, você deverá numerar suas preferências , atribuindo o n.º. 1 à opção que lhe for mais importante e colocando ao lado, quando solicitado (linha) o gênero (tipo de programa, filme, música, etc.) que mais lhe agrada.

7. Preferências culturais:

- () cinema _____
- () teatro _____
- () música _____
- () artes plásticas _____
- () TV _____
- () Outros. Quais? _____

8. Preferências para o lazer:

- () jogos eletrônicos _____
- () competições esportivas _____
- () esportes _____
- () leitura _____
- () viagens _____
- () festas _____
- () shopping _____
- () Outros. Quais? _____

9. Escolha por ordem de importância, 5 “ídolos”, ou seja, personalidades (da música, da TV, do cinema, do esporte, da história, da sua vida. etc.) que você admira e esclareça brevemente os motivos que te levam a admirar essas pessoas:

1) _____ Motivo: _____

2) _____ Motivo: _____

3) _____ Motivo: _____

4) _____ Motivo: _____

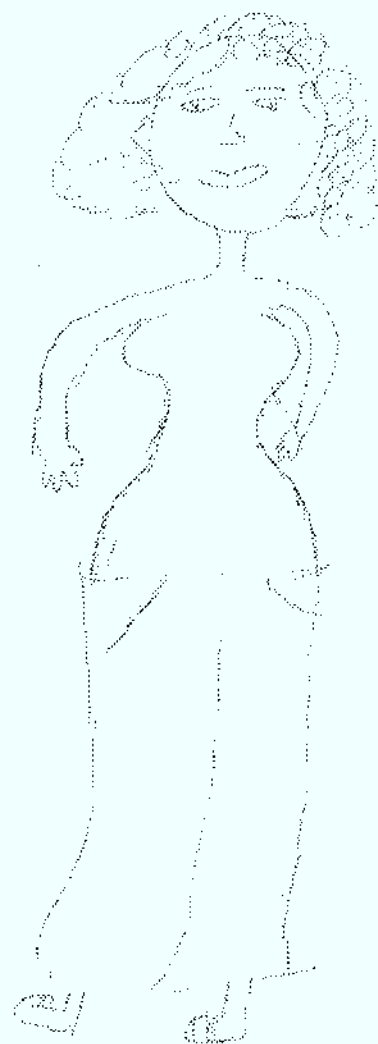
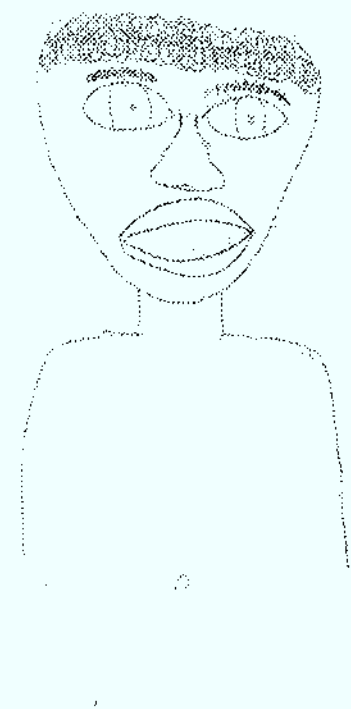
5) _____ Motivo: _____

10) Existe algo (física ou sentimentalmente) que você gostaria que fosse diferente em você? O que ?

Mais uma vez, agradeço sua colaboração.

Anexo II

Desenhos que apresentam traços de negritude



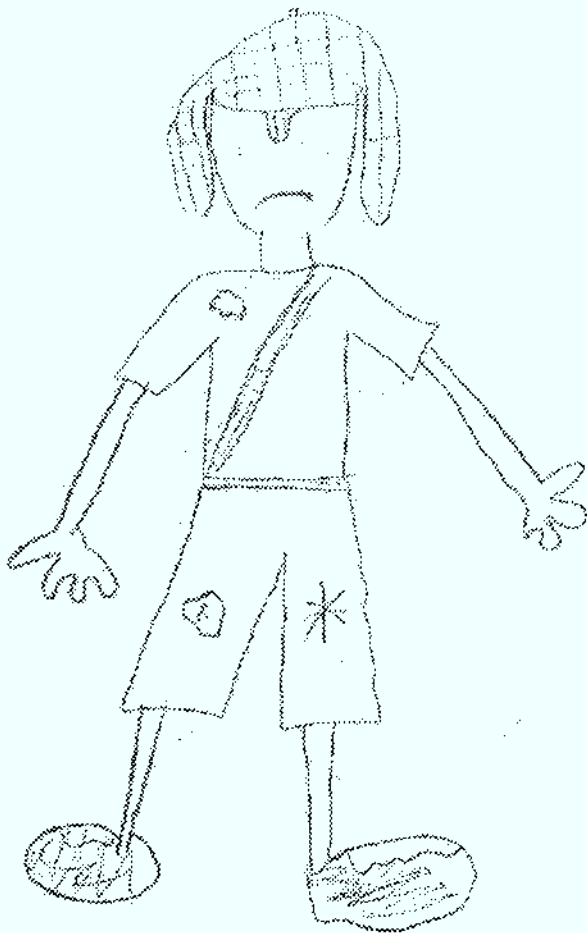


10



Anexo III

Desenho produzido pelo participante Daniel



Anexo IV
Desenho produzido pelo participante Guilherme



Anexo V

MORTE E VIDA SEVERINA

Trata-se de um longo poema dramático que apresenta a trajetória do retirante Severino que sai do sertão em direção ao litoral. O trecho a seguir é a apresentação do retirante:

*O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos, que é santo
de romaria, deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos com mães
chamadas Marias, fiquei sendo o da
Maria do finado Zacarias.
Mas isso ainda diz pouco: há muitos na
freguesia, por causa de um coronel que
se chamou Zacarias e que foi o mais
antigo senhor dessa sesmária.
Como então dizer quem fala ora a
Vossa Senhorias?
Vejamos: é Severino da Maria do
Zacarias, lá da Serra da Costela, limites
da Paraíba.
Mas isso ainda diz pouco: se ao menos
mais cinco havia com nome de Severino
filhos de tantas Marias, mulheres de
outros tantos, já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra magra e ossuda
em que eu vivia.
Somos muitos Severinos iguais em tudo
na vida: na mesma cabeça grande que a
custo se equilibra no mesmo ventre*

*crescido, sobre as mesmas pernas finas e
iguais também, porque o sangue que
usamos tem pouca tinta.*

*E se somos Severinos iguais em tudo na
vida, morremos de morte igual, a mesma
morte severina: que é a morte que se
morre de velhice antes dos trinta, de
emboscada antes dos vinte, de fome um
pouco por dia (de fraqueza e de doença
é que a morte severina ataca em qualquer
idade, e até gente não nascida)
Somos muitos Severinos iguais em tudo e
na sina: a de abrandar essas pedras
suando-se muito em cima, a de tentar
despertar terra sempre mais extinta, a
de querer arrancar algum roçado da
cinza.*

*Mas para que me conheçam melhor
Vossas Senhorias e melhor possam
seguir a história de minha vida, passo
a ser Severino que em vossa presença
emigra. (p.73-75)*

(MELO NETO, João Cabral de. Morte e vida severina. 5 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973)